



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa • Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PROTESTO NECESSÁRIO

FALE, PORTANTO, O POVO, MAS FALE ALTIVAMENTE!

Principia a obra do governo e da Moagem a produzir os seus naturais efeitos. O pão chamado de "família" começa a rarear nas padarias, a cujas portas permanecem longas horas as mulheres proletárias, que em grande número recolhem às suas habitações sem pão ou levando-o então ao fantástico preço de 1\$64 o quilo, o que é uma coisa pavorosa.

Como consequência, desenharam-se os primeiros conflitos, que certamente crescerão de volume se os governantes, reflectindo a tempo nos resultados da sua desgraçada medida, e num acto inteligente, não revogarem imediatamente essa monstruosidade que tam sensivelmente vem afectar o povo.

Entretanto, compete à classe operária e igualmente às mulheres — que muito sofrem, moral e materialmente, neste momento — acorrer às reuniões que os organismos sindicais estão realizando, no intuito de exteriorizarem a sua indignação e o seu protesto contra uma lei que não pode ser cumprida, porque ela condena à fome a população duma grande parte do país.

Causa e efeitos

Onde iremos parar? Difícil é prevê-lo. Mas, a continuar este lamentável estado de cousas, provocado pelos negociantes, é natural que em breve estejamos num verdadeiro caos, a que os conservadores chamam anarquia, e que nós, avançados, classificamos de derrocada da civilização burguesa.

Que a queda estava próxima, mais próxima do que muita gente julgava, já nós o sabíamos. Mas que os governantes e as forças que os apoiam a precipitem da maneira porque o estão fazendo é que não era legítimo esperar. A verdade é que as traficâncias do comércio e a cumplicidade dos governos conduziram-nos à beira do precipício.

A situação de hoje é angustiosa, insuportável mesmo. E quando o povo não pode viver revoltado-se. Os governos devem saber isto. E' uma lição elemental que se tira da história. No entanto a burguesia, apesar de o saber, não hesita em lançar na miséria o povo que a sustenta, que lhe dá todas as comodidades, todos os gozos. Poderia ainda a burguesia travar, por momentos, esta corrida vertiginosa para o seu aniquilamento? Não. Os seus dias estavam contados. Criou uma engrenagem defeituosa e ela própria será apinhada por essa engrenagem.

As causas da miséria
As causas da actual miséria do povo são múltiplas. Muita gente diz que a guerra é a sua única origem. Mas não é assim. A guerra não foi senão a primeira consequência das ambições que a sociedade capitalista provoca.

Essa consequência transformou-se no cataclismo que originou a derrocada da estabilidade aparente das nações. Tudo ficou desmantelado. As mobilizações arrancaram à terra e à oficina milhões de braços. O militarismo absorveu todas as energias, desgastou as fleiras do povo, enfraquecendo-as. As epidemias completaram a obra de destruição. E o comércio, aproveitando o momento, desenvolveu-se na sociedade como um microbio mortífero que destrói um corpo sã. Grande número de homens viu no comércio maneira excelente de viver sem produzir; o exército comercial arrancou à agricultura e à indústria todas as energias, conduzindo-nos assim à ruína absoluta.

O ambiente de imoralidade cresceu, arrastou ao crime milhares de indivíduos. E a sociedade mercantilista teve necessidade de se rodear de guardas que lhe garantissem as extorsões — e fê-lo entre outros, aumentando escandalosamente os efectivos da guarda republicana.

As "forças vivas"
Na face da debilidade em que o país se encontra, logo surgiram de todos os lados os gritos alarmantes. Era necessário combater essa debilidade. Como? Toda a gente sabe que remédio se deve aplicar a uma nação que deixa improdutivas as suas riquezas: aproveitá-las, aumentar a produção.

A burguesia, sabendo que não podia ocultar a falta de géneros, porque toda a gente a sentia, gritou também que era necessário

cessário aumentar a produção. Mas não passou de palavras, porque cada vez é maior o número dos que nada fazem, vivendo à custa dos que trabalham.

A legião dos ociosos aumenta e é essa legião todavia que mais elama pelo aumento de produção, no intuito de fazer trabalhar os outros mais do que lho permite o seu visível depauperamento. São essas forças improdutivas que se dizem "forças vivas"; são elas que não trabalhando recomendam trabalho aos outros, e igualmente procedem os ministros, os deputados, o comércio e a moagem.

Realmente só o trabalho pode resolver a grave situação. Mas não é o nosso trabalho apenas, do qual se apodera meia dúzia de indivíduos. Será o nosso trabalho e o deles, isto é, o trabalho comum irmanamente aproveitado.

Que fazem os governos?
Todos os governos, absolutamente todos, tem assistido impassíveis à imoralidade, à roubalheira. Longe de tomarem medidas que a evitem, chegam a colaborar com a própria burguesia, o que nos não admira, porque desta saem todos os governos.

Visto que é de produção que o país necessita, que tem feito os governos para a aumentar? Tem tomado alguma medida tendente a obrigar os lavradores a não deixar a terra improdutivo? Tem contribuído para o desenvolvimento das indústrias? Não. Limitam-se a aumentar a burocracia, desviando das indústrias energias preciosas; fabricam leis que permitem ao comércio toda a casta de traficâncias; quando querem obrigar o comércio a vender os poucos produtos existentes, por preços mais baixos, arranjam tabelas que originam o assombração total dos géneros essenciais à vida. E esta inépcia, esta cumplicidade com os de cima, aumentam o mal estar do povo, levando-o à revolta. Neste caso adoptam, então, medidas radicais: colocam um pelotão da guarda a cada esquina e fuzilam o povo!

Os resultados
Os resultados são bem visíveis. Quando não há subsistências, cria-se um ambiente dissolvente. Muitas mulheres, cuja féria não lhes chega para o sustento, enveredam pelo único caminho que se lhes depara livre, carreira que o Estado lhes garante mediante um imposto — o da prostituição, e os géneros, cada vez mais escassos e mais caros, tornam-se o tormento dos lares.

Pouco a pouco foram faltando todos os géneros: o feijão, o arroz, a banha, a manteiga, o carvão, o azeite, etc. Restava um género apenas, que, embora não satisfizesse, se ia suportando: era o pão.

E o governo, de braço dado com a Moagem, resolveu dificultar a compra do pão, o único alimento que ainda se podia comprar. Criaram-se os dois tipos, na firme intenção de apenas nos venderem o mais caro. E assim sucedeu. Já ontem o pão de segunda escasseou por toda a parte, vindo-se muitos consumidores po-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Em Spa Ouvindo os delegados alemães na Conferência de Spa sustentar que tinham necessidade dum forte exército para manter a ordem no interior do seu país, Lloyd George, num improvisado levor democrático, gritou-lhes que não compreendia como é que um governo queria ter à mão um grande número de espingardas para as dirigir contra o seu próprio povo.

A isto respondeu-lhe o ministro alemão Von Simons, que em iguais circunstâncias estavam muitos outros países da Europa, e que, por exemplo, na Irlanda as espingardas estavam desempenhando um papel importantíssimo na política do governo inglês.

Lloyd George ouviu mas nada replicou.

Para traz... Em Kattowitz (Alta Silésia), a cavalaria francesa atacou com bombas de mão um cortejo de operários, que se manifestavam contra a passagem de material de guerra por essa província. Várias confusões tiveram lugar, deprehendendo-se disto a existência de qualquer plano insurreccional.

Vê-se que a França se está transformando numa Prússia da Europa, com o que não folgamos.

"Paredes" Uma comissão de vendedores de vinhos e proprietários de restaurantes procurou ontem o governador civil afim de reclamar contra a proibição da venda de bolos às quartas e quintas-feiras e da venda de vinho a copo, sem comida, aos domingos, os quais se encontram na disposição de encerrarem os seus estabelecimentos em sinal de protesto.

O chefe do distrito prometeu fazer todo o possível no que for de justiça.

"Querem ver que vamos ter uma parede por causa dos bolos e do vinho?"

UM AUMENTO DE 100 %

E' quanto vai ter a água

Aumentado escandalosamente o preço do pão, de estranhar seria que os peregrinos governantes não aumentassem o da água, que é por igual uma substância indispensável em todos os lares. O aumento é apenas este: 100 %, porquanto o metro de água passa de 20 para 40 centavos, conforme consta da seguinte nota, que nos chega da Arcada:

"A comissão encarregada dos estudos do abastecimento da água na capital submeteu ontem à apreciação do ministro do comércio o projecto do decreto relativo aos elementos a fornecer à Companhia das Águas para realizar as obras necessárias para aquele fim e a atender as reclamações do pessoal. A comissão vai também apresentar ao ministro a terceira e última parte dos seus trabalhos que se refere à forma de serem levados a efeito os trabalhos tendentes a aumentar o fornecimento de água à cidade, com a exploração de novos sifões, e a revisão do contrato entre o Estado e a Companhia.

Segundo consta, o preço da água passará a ser de 40 centavos o metro. O decreto em que a situação do pessoal da Companhia no que respeita ao aumento de salário é atendida foi ontem à assinatura presidencial.

Continuem, continuem, que vão bem... bres obrigados a adquirir o de primeira a 1\$64 cada quilo!

Os protestos são cada vez mais enérgicos, e já ontem em algumas padarias o povo soube lançar mão do pão que lhe pertencia. Não o quiseram vender barato, e o povo estabeleceu o justo preço — gratias.

De quem é a culpa de tudo isto? Já acima o apontámos: dos governos e dos capitalistas. Os governos especialmente tem sobre si a responsabilidade de toda esta desordem, desordem que se prolongará até que um dia o povo, enfadado... de fome, o faça cair da torre de marfim.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

O assalto à "Batalha"

Mais manifestações de protesto

Continuam a chegar a esta oficina os mais veementes protestos da organização operária e de camaradas nossos contra o assalto dos vândalos que tentaram abafar a voz de *A Batalha*.

São já sem conta o número de ofícios, cartas e telegramas que temos recebido, o que prova estar a consciência proletária com o seu diário na imprensa, dando por ele, sendo preciso, todo o seu esforço.

Consolam-nos estas manifestações de solidariedade, que nos veem alentar a, mais do que nunca, fugitar com dentro essa camarilha que pretendeu assassinar-nos.

Publicamos mais uma nota dos protestos recebidos

Colectividades que protestam

O Sindicato dos Operários Alfaiates do Pórtio, em assembleia geral extraordinária para tratar do assalto à *Batalha* e sobre a forma de a auxiliar, resolveu protestar enérgicamente contra o vil atentado e contribuir com um dia de salário.

Da União das Costureiras do Pórtio recebemos o seguinte ofício:

Presados camaradas: — Perante o assalto canibalístico feito ao órgão do proletariado português e praticado por bandidos que se aninham à sombra da bandeira republicana, dizendo-se defensores duma república democrática, não podia a União das Costureiras do Pórtio deixar de lavar o seu mais veemente protesto contra tão repugnante acto, que mais nos veio revelar o quanto tem de retrogrados os mastins que o praticaram. E saudando os seus redactores por saírem illesos da vil tentativa de assassinato, desejamos que a baluarte dos trabalhadores portugueses continue no seu posto de combate, até à batalha decisiva.

Recebem os nossos protestos da mais franca solidariedade. — Saúde e Revolução Social. — A Secretária, Cândida Pinto da Rocha.

Associação de Classe dos Trabalhadores

Provocação à desordem

Sob este alarmante título, referia-se ontem *A Vitória* a um artigo "publicado por um jornal sindicalista", cujo nome não quiz citar — para não atrair sobre esse jornal a atenção dos poderes públicos... Intenção benemerita é a de *A Vitória* não querendo citar *A Batalha* porque foi afinal *A Batalha* que publicou o tal artigo subversivo. Nós, porém, não precisamos da protecção de *A Vitória*, que repeliámos ainda que não correspondesse a um sentimento hipócrita, habituado como estamos a tomar a responsabilidade das nossas atitudes ante quem quer que seja.

O que nestas colunas lides escrevemos é para todos lerem: o proletariado, a burguesia, os governantes e... *A Vitória*, que nos tem, segundo confissão sua, como barómetro...

Diz aquele jornal que o nosso artigo sobre a questão do pão é subversivo. Magrãr-não do o acalmasse de velhar, mas que o ache subversivo é-nos absolutamente indiferente, porque a crítica é livre.

Mas sempre lhe diremos que, quanto a nós, subversivo é o último decreto que restabelece os dois tipos de pão, por um preço altíssimo; subversivo é todo quanto a burguesia, a que *A Vitória* se presa de pertencer, tem feito desde a conflagração europeia ao assombroamento.

Gostávamos nós que a patriótica *Victoria* nos provasse porque razão somos avariadamente bolsevistas. Quanto à afirmação de sermos anti-patriotas, deixamos-na indiferente, ainda que isso pese ao referido jornal.

O que nos admira é que a *Victoria*, que tam indignada se mostra com o nosso anti-patriotismo, nos arranjasse uma pátria à pressa — a Rússia Vermelha.

Os intuitos do *agitado articulista* são, de facto, os de agitar a multidão — não temos dúvida em confessá-lo — mas os de agitar a contra uma medida governamental que só pode ser defendida por quem anda bem comido ou é amigo da Moagem. Lamentável é que a patriótica *Victoria* não inclua entre o

Rurais de S. Manços, reunião em sessão extraordinária, protesta enérgicamente contra o assalto feito ao jornal *A Batalha*.

O Sindicato profissional das indústrias têxteis de Gaia, em assembleia geral, protestou contra as vilanias praticadas.

Da Associação dos Manipuladores de Borracha de Lisboa recebemos um ofício comunicando-nos que um grupo de sindicados realizou uma quete que rendeu 20\$30 para auxílio de *A Batalha*, "fazendo votos para que do ultraje recebido, a classe operária que tam bem soube manifestar-se unida contra a horda de saltadores e malfeteiros, continue mais e mais unida para em breve derruirmos a tirania."

Também a Associação dos Trabalhadores Rurais de Erydel nos envia o seu protesto, bem como o Núcleo da Juventude Sindicalista da Indústria de Calçado, Curos e Peles, de Lisboa.

Um grupo de operários da Papelaria e Tipografia Azevedo, do Pórtio, exterioriza a sua repulsa pelo vil atentado, enviando-nos também a quantia de 7\$20 duma quete entre eles aberta. O camarada Manuel de Almeida, nosso correspondente em Oeiras, envia-nos o seu protesto, participando-nos que uma grande parte dos operários da construção civil da localidade abandonou o trabalho por 24 horas quando da greve geral de protesto.

Também o camarada António Eduardo Baptista, de Portimão, protesta e nos felicita por sairmos illesos do atentado.

António Martins Godinho, ferroviário da C. P., e Francisco António Candeias, de S. Domingos, enviam-nos os seus protestos de solidariedade; Edmundo dos Santos Pacheco, preso na cadeia de Loulé, diz mais cedo não enviar o seu protesto porque na véspera do atentado fora vítima duma bárbara agressão por quatro membros da *briosa*, em virtude de afirmar que o rancho servido na prisão estava incapaz de ser comido; e Manuel Lopes Cardoso Claro, preso na sala 2, da cadeia da Relação do Pórtio, significa o seu veemente protesto pela violência de que foi vítima *A Batalha*.

Associação de Classe dos Trabalhadores

número dos agitadores a Moagem, que só em Portugal é suportável, e o próprio governo, que tam levemente legisla. O *agitado articulista*, ao contrário do que supõe a *Victoria*, não está habituado a proceder como Frei Tomás, o que sucede com frequência do lado de lá.

A intervenção da força armada nos conflitos que a burguesia provoca não lhe inspiram diatribes. Acha-a até natural, porque quem comete tantas proezas não tem maneira dese defender-se com a força armada.

E, quanto à tirada final, aguardaremos então a tal troca de... palavras, na certeza de que não ficaremos estarecidos...

Na Alemanha

Três livros brancos sobre a Alta Silésia

BERLIM, 8. — O governo alemão prepara actualmente três livros brancos acerca da Alta Silésia. O primeiro tratará da descrição autêntica dos actos ultrajosos e assassinos cometidos pelos polacos rebeldes; o segundo adivrará provas de que parte das tropas inter-aladas na Alta Silésia não somente tomaram medidas contra os insurrectos, mas ainda alguns lugares abertamente apoiaram os bandos polacos.

O terceiro livro branco tratará dos partidos polacos para organizar rixas. O material é tirado principalmente das notas polacas que foram tomadas a um emissário de Korfanty quando atravessava ilicitamente a fronteira.

Rádio.

As 8 horas de trabalho

Operários que desrespeitam essa regalia

Tendo constatado a alguns operários da construção civil que diversos colegas seus trabalhavam fora do horário numa obra da Ponte Nova, foram ontem ali convidá-los a respeitar o horário de trabalho, ao que eles não acederam de bom grado, motivo porque alguns foram agredidos.

Contra o decreto do pão

Escasseou ontem em quasi tôdas as padarias o pão de segunda

Várias manifestações de protesto

Não falharam as previsões de *A Batalha* acerca do resultado funesto que traria o decreto que permite à Moagem o roubo descarado aos consumidores.

Logo no primeiro dia em que o referido decreto começou a vigorar o pão de segunda faltou em várias padarias. Ontem, porém, escasseou duma maneira incrível, o que obrigou o público a formular os mais indignados protestos.

Algumas padarias foram assaltadas, tendo os consumidores levado o pão fino sem o pagar. Distinguiram-se as mulheres nesses protestos, que mostraram a energia que a gravidade do momento require.

E' natural que hoje o pão de segunda continue a faltar e que o povo não esteja disposto a aturar tais desmandos.

A responsabilidade de tais acontecimentos cabe ao governo e à Moagem. Tudo provém da incompetência dum e da ganância da outra.

Mas temos a certeza que o governo em vez de revogar o decreto, tomando medidas que tendam à boa resolução desta questão, enviará a guarda para a rua para fornecer balas ao povo em lugar de lhe dar o pão de que este necessita.

O pão de primeira encontra-se com abundância, ao mesmo tempo que falta o de segunda.

Prova isto os intuitos criminosos da Moagem, querendo obrigar o povo a comprar uma qualidade de pão mais cara, onde a sua bolsa não pode chegar.

Infâmias sobre infâmias, que não acabarão enquanto o povo não se souber impor!

Em Alcântara

As donas de casa protestam

Fomos ontem procurados por dois numerosos grupos de mulheres de Alcântara, um da rua da Cruz e outro da rua do Alvíto.

Queixaram-se-nos indignadas aquelas mulheres, que se faziam acompanhar dos seus filhinhos, entes em quem a fome vil produzindo os seus naturais estragos, que há dois dias não conseguem obter pão para o sustento dos seus, apesar de perderem as noites junto das padarias. Atfirmaram-nos que o pão é caríssimo e no entanto não aparece à venda, certamente, como prevíamos, por ser manipulada pouca quantidade do de 2.ª Naquelle bairro sucede isto em tôdas as padarias, segundo as afirmações das protestantes, apesar de nas padarias haver o referido pão, porque tiveram ocasião de verificar que em algumas o escondiam, em virtude de constar que seriam assaltadas.

das pobres mulheres que cá veio — dirigido algumas palavras de censura ao seu comportamento, pois a elas negar-lhe e naquella ocasião levava a saca para algum mais feliz, aquele, mostrando-lhe a pistola, disse que para ela tinha ali pão!

E as pobres mulheres, indignadísimas, lá voltaram para suas casas, talvez para não se deitarem e novamente passarem a noite junto das padarias, para nada conseguirem, compreendendo nós muito bem o seu estado de alma, a sua dor, por não terem pão para os filhos e para os companheiros, que passam uma vida de trabalho e privações, não podendo sequer, no fim da labuta, saborear o alimento que primeiro costumam aparecer na parca mesa.

E' uma infâmia o que se está passando, fazendo o facto revoltar até os mais pacientes, pois, segundo nos disseram aquelas mulheres, é verdade, não há salário que atinja o preço exorbitante do indispensável alimento, pois famílias há que são constituídas por mais de dez pessoas.

As mulheres da rua da Cruz queixaram-se também do empregado da padaria daquela rua, que não só as insultava com palavras obscenas, como as ameaçava de pistola Pediram que lhes vendesse, em virtude da falta do outro, o pão de 1.ª pelo preço do de 2.ª, como determinado fora pelas autoridades, quando este escasseasse, mas num momento desapareceu, apesar de o terem visto ali em quantidade. A polícia, a quem relataram o facto, caso algum fez das pobres mulheres, que, indignadas,

aqui se dirigiram a lavar o seu protesto. Pelo caminho encontraram o referido empregado com uma saca de pão, e tendo-lhe Maria Ferreira Guerra vivia — uma

Segundo informações fidedignas, as padarias de Alcântara, Santos e Janelas Verdes foram assaltadas. A essa hora, 22, já havia grande quantidade de pão manipulado, conseguindo grande parte dos assaltantes fornecerem-se com abundância.

Sabe-loras do que se passava, as autoridades trataram de enviar para os referidos locais forças da guarda republicana.

Era fatal. O governo, depois de provocar os conflitos, abafa a indignação do povo à força de baioneta.

No Bairro Alto

Pelo Bairro Alto ontem, o povo sabendo que os taberneiros se estavam abastecendo do pão que faltaria hoje ao público, acompanhado de um coronel, tratou de apreender esse pão, que foi levado para a esquadra das Mercês.

Foi grande a quantidade de pão apreendido.

Cívicos "generosos"
Ontem um grupo de mulheres e crianças andou pelas padarias em busca de pão de segunda, o que não conseguiu encontrar.

Em face dessa falta absoluta, resolveu o referido grupo, numa padaria da Calçada do Forte, n.º 56, onde se estava vendendo pão de primeira qualidade, adquiri-lo pelo preço do de segunda.

Porém, como a indignação do grupo fosse grande, os guardas cívicos que ali se encontravam e que tem, certamente mulher ou filhos a quem devem sustentar, abalancaram-se a praticar o gesto digno de socar Delfina Sobrinha. Lucinda Simões, Ermelinda Coelho e Isaura Simões Portugal.

Os cívicos autores de tam valente façanha — sovar mulheres — tem os números 1502 e 1504, que aqui se registam para que passem à imortalidade.

Em conferência...

Na secretaria das finanças realizou-se ontem demorada conferência entre o ministro, os delegados da moagem e da panificação, uma comissão de padeiros independentes, e os sr. Liberato, Joaquim Belford, director geral do comércio agrícola, e Cristóvão Moniz, secretário geral do ministério da agricultura.

Traotou-se, ao que parece, da forma como tem sido e deve ser executado o decreto do pão.

Bons serviços

Informa-nos um camarada nosso que o guarda cívico n.º 1292, que ontem prestou serviço na padaria da rua Luciano Cordeiro, 48 a 52, foi duma incorrecção e brutalidade a tôda a prova, pois empurrava não só as mulheres que se encontravam na *bicha*, como também, por mero capricho, fazia com que as primeiras que deviam ser servidas, o fossem no fim, dando isto em resultado retirarem muitas destas sem obterem o pão de segunda, a que tinham direito.

Por procurar adquirir pão... é preso

O pedreiro José Coutinho comunicou-nos que, não tendo ontem pão em sua casa, e depois de sua companheira em vão ter tentado obtê-lo, deliberou procurar conseguir alguns pães em qualquer padaria. Dirigiu-se, para esse efeito, à da rua Pascoal de Melo, 74, onde, junto de uma porta, havia uma enorme *bicha*, e como visse por outra porta do mesmo estabelecimento entrar alguns membros da *briosa*, sem permanecerem, como toda a gente, à espera de vez, reclamou, dizendo que os direitos deviam ser iguais, e portanto devia também entrar com eles. Porém, o polícia de serviço, o 457, mandou-o retirar dali, ao que o Coutinho opor se era o dono disto.

O polícia em seguida prendeu-o, e que levantou protestos da multidão. Foi levado para a esquadra de Arroios, sendo depois pôsto em liberdade, mas

BOA